

Editorial

O presente número da revista *Espaço Pedagógico* trata de um tema relevante não apenas do ponto de vista educacional, mas também social: a educação infantil. Mesmo com os avanços que ocorreram no Brasil e no mundo em termos de legislação no campo da educação infantil e da infância, ainda persistem práticas e realidades profundamente desafiadoras. São questões que dizem respeito às condições básicas de vida e de sobrevivência de crianças que negam sistematicamente os direitos fundamentais e a cidadania.

Quando se trata da educação infantil, os problemas não são menores. Grande parte das escolas e creches não dispõe de espaços adequados, faltam educadores qualificados e infra-estrutura capaz de atender às necessidades próprias das crianças. São essas realidades desafiadoras que estão provocando a concretização de experiências positivas e que acenam para horizontes mais promissores. Algumas dessas realizações fazem parte de investigações feitas por pesquisadores e estão sistematizadas em artigos que compõem o presente número da revista.

Dar visibilidade às experiências bem-sucedidas no Brasil e no mundo é fundamental para a definição de políticas que sejam capazes de dar conta das realidades. O fracasso de muitas políticas deve-se ao fato de serem formuladas no âmbito puramente ideal. Ao mesmo tempo em que as políticas educacionais precisam apontar para um dever-ser, não podem prescindir dos avanços, conquistas e limites reais.

Não restam dúvidas de que a infância está se tornando uma questão e um tema recorrente em pesquisas e em eventos nacionais e internacionais. O despertar e a ampliação dessa discussão colocam a infância como campo de pesquisa e, também, como desafio pedagógico, social e político. Cresce o reconhecimento de que a infância não se constitui simplesmente numa fase da vida, mas é portadora, por natureza, de vida, esperança, sonhos, direitos, anseios, novos valores etc.

É dentro desse horizonte que elegemos o tema da educação infantil para o presente número da revista. Nunca é demais insistir na idéia de que a criança é profundamente receptiva para a formação ético-moral pessoal e social.

Não basta reconhecer a existência de problemas sociais, de violência, de guerras, de agressividade etc. É necessário propor alternativas que consigam fazer frente a esses problemas e apontem para novas possibilidades de relações humanas e de convivência social.

Quando estamos pensando no papel decisivo que temos na formação de crianças, estamos propondo uma ruptura com a equivocada idéia de que a criança é futuro. Ela não será sujeito no futuro se não for encarada como um sujeito de direitos no tempo presente. Quando penso nessas questões, me reporto à infância que tive. Desde muito cedo fomos inseridos num mundo de vivências e de experiências em contato com a vida rural. Dessas experiências foi possível aprender o quanto é trabalhoso conquistar a sobrevivência, mas também foi possível aprender muito com os fenômenos da natureza e as suas dinâmicas. O plantio da semente é precedido de um conjunto de elementos que são decisivos para o seu desenvolvimento. Para tanto, são necessários o cuidado com as sementes e a dedicação nos primeiros dias de vida. Ao semear a semente acredita-se na potencialidade do seu crescimento, caso contrário se interromperia o ciclo da vida. A experiência da vida ensinou-me que os primeiros dias e semanas de vida de uma planta são fundamentais para o seu desenvolvimento futuro.

A infância é um pouco disso tudo. É preciso atenção, cuidado, propostas pedagógicas adequadas, condições para o seu desenvolvimento e formação, meios adequados para brincar,

provocações para não cair na acomodação. É preciso, evidentemente, cuidar para não cair numa visão romântica de infância. A experiência da natureza nos traz alguns ensinamentos importantes quando pensamos na educação infantil. Talvez pudéssemos extrair dois elementos importantes dessa analogia: a necessidade de condições materiais para o desenvolvimento da criança e a idéia de que a criança é muito suscetível de incorporar valores, princípios, posturas étnico-morais etc. Daí o papel fundamental da educação infantil. A criança precisa se desenvolver física, intelectual e moralmente, ou seja, necessita de formação.

O conceito de formação tem como perspectiva uma visão de totalidade e contrapõe-se ao que os *frankfurtianos* denominaram de semicutural, ou seja, uma visão fragmentada. A noção de formação implica inúmeros desafios para a educação infantil: como pensar a infância num contexto de transformações no âmbito da família e das relações socioculturais e econômicas imediatas da criança? Como fica a infância diante da influência midiática? Como os meios eletrônicos estão influenciando as formas de brincar das crianças? Até que ponto as propostas pedagógicas conseguem fazer frente aos desafios da educação infantil, fortemente influenciada por fatores externos à escola? Até que ponto a formação de professores para atuar junto às crianças está suficientemente qualificada? Em que medida as escolas de educação infantil têm consciência da diversidade sociocultural e incorpo-

ram essas questões em seus projetos político-pedagógicos? Quais são as novas formas de socialização da criança no contexto atual para além da família e da própria escola? Até que ponto há, efetivamente, uma preocupação em tratar a criança como sujeito de direitos? O que isso implica do ponto de vista político e pedagógico? As políticas educacionais estão conseguindo fazer frente a essas questões?

Algumas dessas questões são analisadas nos textos que compõem o presente número da revista. Os textos de Monica Fantin e Ben Bachmair (este na seção “Tradução”) abordam, com diferentes pontos de vista, a questão da infância e da mídia. Fantin trata dessa temática do ponto de vista das brincadeiras e Ben Bachmair discute uma questão fundamental, que é a socialização. O tema da socialização de crianças é também analisado por Altino José Martins Filho. Os textos de Elaine Sampaio Araújo e de Flávia Eloisa Caimi discutem dois autores clássicos que tratam da aprendizagem e do conhecimento na infância: Vygotsky e Piaget. Os textos chamam a atenção para a atualidade destes autores e também para os cuidados necessários na formulação de críticas a eles. Taciana Camera Segat enfoca questões sociais da infância e analisa as condições de vida de crianças das classes populares e a tensão entre a Modernidade e a Pós-Modernidade. Noeli Reck Maggi e Teresinha Bastos Scorsato trazem as contribuições da psicologia, especialmente

da psicanálise, para a discussão da infância e dos processos de rupturas que ocorrem quando da saída do espaço familiar para o espaço escolar. Os textos de Cleonice Maria Tomazzetti, Adriana Bragagnolo, Natalino Pértile, Maria Teresa Ceron Trevisol e Rosana Coronetti Farenzena discutem questões de linguagem, alfabetização e a formação de professores. Não restam dúvidas de que a formação de professores para atuarem junto às crianças se constitui num dos grandes desafios. Não são questões apenas pedagógicas, mas também de linguagem, de alfabetização, de diversidade cultural, de educação intercultural etc. As pesquisas apresentadas evidenciam que a compreensão que muitos professores que atuam com crianças têm sobre a infância nem sempre é suficientemente profunda para dar conta da educação infantil. Finaliza o conjunto de artigos o texto de Graciela Ormezzano, Gracielli Dalla Vechia e Joselange de Lima Surdi, que sistematizam uma pesquisa feita com crianças sobre educação estética. Por fim, Sussi Abel Menine Guedes faz uma resenha do livro *Infância plural: crianças do nosso tempo*.

Desejamos que o nosso esforço em reunir textos de pesquisadores qualificados sobre o tema da educação infantil possa ajudar a qualificar o trabalho em nossas escolas e também em nossas atividades de formação de professores. A todos uma boa leitura.

Telmo Marcon
Editor